8 MARÇO 1930

Careta

NUMERO 1133
ANNO XXIII

PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 RÉIS

A VOLTA DA RAZÃO

O philosopho — Estranha coincidencia: Carnaval e politica que neste anno nasceram juntos e se exhibiram na mesma palhaçada, tiveram o mesmo destino..

Nº 4711
Tosca
o novo perfume
Tosca
O Perfume da actualidade

A LINGUA COREANA

Na lingua coreana não ha propriamente declinação, sendo os casos indicados por certas particulas separaveis, que consideradas separadamente, não tem significação alguma.

Não ha plural e os pronomes são quasi desconhecidos. Não ha genero e não existe forma grammatical para distinguir os seres vivos das cousas.

O verbo, porém, não póde ser expendido em variedade e poder de expressão. A quinta parte das palavras são os verbos susceptiveis de tomar fórma verbal. Não ha distincção entre verbo, adjectivo e adverbio. O verbo coreano não tem numero e para as tres pessoas ha tres formas differentes de civilidade: uma que se emprega quando se fala a pessoas superiores, outra quando se fala a iguaes, e outra falando-se a inferiores.

PROVERBIO INDIANO

Quando estiveres só pensa em teus defeitos... Quando estiveres acompanhado, esquece os dos outro...

* * * O nome de Molière, como é universalmente conhecido o grande autor comico, francez, Jean Baptiste Poquelin, foi adoptado por este, quando se separou de sua familia para se lançar na pittoresca e encantadora vida de bastidores. Molière era o verdadeiro nome de um comediante, poeta quasi desconhecido que morrera poucos annos antes e fôra amigo do grande protegido de Luiz XIV.

CORAGEM

— Invejo sinceramente aquelle sujeito que acabou de cantar.

— Não sei porque. O coitado desafina e não tem voz.

— Mas não é a voz que lhe invejo, é a coragem!

A mais remota antiguidade usava já o bordado.

A Biblia menciona a arte do bordado. Na Grecia era celebre a habilidade das mulheres que teciam fios de lã e seda. Tambem a India e o Egypto adoptaram, em tempo remoto, a linda arte.

Com plumas de aves, de variados tons, bordavam e certamente bordam ainda, nas suas tribus perdidas em longinquos desertos, as indianas. E têm uma extranha belleza os trabalhos que fazem. Bordaram as mulheres de França e de todos os outros paizes.

*** E' sabido que agua do mar contem ouro: cinco centigrammas por metro cubico. Não é muito, mas como a massa de agua oceanica é de 1 billião é 300 milhões de kilometros cubicos, a quantidade de ouro nellas contidas dividida pelos habitantes da Terra daria a cada um de nós um bloco de ouro que corresponderia a 234 mil contos de reis.

Arrastando na sua corrente 100 billiões de toneladas de agua por hora, o «gulf-stream» transporta para os lados da Europa, em cada hora, sete billiões e meio de ouro.

Para tranquillizar os ambiciosos, convem informar que essa formidavel quantidade de ouro existente nas aguas está geralmente no fundo dos oceanos e a sua extracção é problematica, difficilima e dispendiosissima... Basta, para satisfação de cada um, saber que possue, guardada dentro das aguas, essa fabulosa riqueza de rajahs...

*** A electrificação de ferrovias verificou-se em proporção sem par nos annaes da electricidade, tendo sido notavel o numero de locomotivas construidas. Hoje o bonde electrico dispõe de mais energia, cogitando-se da construcção de carros mais leves, dotados de systemas aperfeiçoados de electro-pneumatico e freio de magneto, afim de manterem um serviço adequado, não obstante a crescente densidade do trafego urbano.

*** Já no anno de 1800 antes de nossa éra, o ambar era empregado na confecção de objectos de arte e de adorno e desde essa época jámais saiu de moda. Muitas vezes, o ouro, a prata, o brilhante e até as perolas entram com o ambar em papel secundario, empregadas apenas para emmoldurar o encanto do ambar.

Os logares que possuem o previlegio desta substancia classificada entre os metaes e as pedras preciosas, são as costas da Curlandia, da Livonia, da Jutlandia, o golfo Niso e especialmente o littoral de Sundland, na Prussia Occidental.

* * * O rio «Lambary» demora nas vizinhanças do Ribeirão das Pedras. Em ambos existem minas de cobre, segundo affirma Vieira do Couto, no seguinte trecho de sua Memoria sobre as minas da Capitania de Minas Geraes: «Depois de termos passado este rio e viajando cousa de uma légua de caminho, no declivio de um lançante se tomam na estrada lindas e ricas minas de cobre perfeitamente esphericas, e todas pouco maiores que ovos de pomba». «Mais adiante ainda, e ao descer tambem de um lançante, que deita para o corrego chamado Ribeirão das Pedros, que na verdade é muito empedrado, porém pobre em aguas, por toda essa encosta, que é longa, vê-se alastrado todo o campo de outras minas tambem curiosas de cobre, negras e crystallizadas em dados».

---

* * * Na Turquia, ha uma especie de flor que se assemelha ao colibri, pois as suas folhas apresentam a forma e as côres desse passaro, com o peito verde, as azas côr de rosa carregado, o pescoço amarello, o bico branco e a cabeça quasi preta.

---

* * * «O livro sonoro é um exemplo frisante. E' uma machina pequena, capaz de ser installada em qualquer residencia, controlada por um commutador, e que reproduzirá durante nove horas continuas.

Não se faz mister mudar discos e diz-se que as bobinas de aço são permanentes. O livro sonoro proporciona um novo e divertido meio de assimilação de literatura, musica, etc., sendo uma peça utilissima para os cegos e os invalidos».

---

* * * Posto que a electrificação de ferrovias haja tido inicio na America em principios de 1895, os Estados Unidos contavam somente 1.853,32 milhas de linhas electrificadas, ao encerrar de 1928.

Por outro lado, praticamente a Europa, não teve kilometragem alguma electrificada antes de 1915, possuindo agora 4.996,33 milhas de estradas electrificadas, excluindo a Russia dos Soviets e as Ilhas Britannicas.

A Grã Bretanha tem 1.019.12 milhas de linhas electrificadas, e Canadá 92.16 milhas, emquanto as Americas Central e do Sul, em conjunto, têm somente 566.30 milhas.

DA MYTHOLOGIA

«Fisiphone» (Que pune o assassinio) era uma das tres Erinyas gregas ou das Farias latinas, incumbida de punir os assassinos quando entravam no inferno. Logo que um desses desgraçados chegava ao logar da dôr, Fisiphone atirava-se sobre elle, flagelando-o sem cessar e apresentando lhe, na mão esquerda, serpentes horriveis.

E' representada com grandesa azas e cara horrivel, tendo uma cabelleira entrelaçada de serpentes, com fachos ou um chicote na mão.

Desempenhava tambem um papel nas operações magicas e nos campos de batalhas. Espalhava entre os mortaes a peste e os flagellos contagiosos.

* * * Na edade média, no tempo tão remoto em que não havia nem cinema, nem chás dançantes, a renda, o tear e a agulha eram o unico pensamento das damas de então.

Ler romances não era moda, escrever era quasi um crime. Que felizes deviam ser as damas indigenas da edade media!...

Nessa época fez elle a sua victoriosa entrada no luxo feminino. Houve então uma verdadeira loucura de bordados e de pedrarias e na «toilette» irrompeu mais um lindo capricho, o luxo bizantino.

E os homens tambem, os espiritos fortes, deixaram-se arrastar pela frivolidade ephemera daquillo que brilha...

* * * Diz a historia que Ricardo Coração de Leão fo reconhecido e trahido por causa de suas luvas maravilhosamente bordadas.

Na Bretanha legendaria é tradicional o culto do bordado. Bordadores ambulante confeccionam, aqui e alli, os seus artisticos trabalhos. São admiravelmente bordados com requintado luxo de sedas, desenhos e «côres» os vestidos das noivas bretãs.

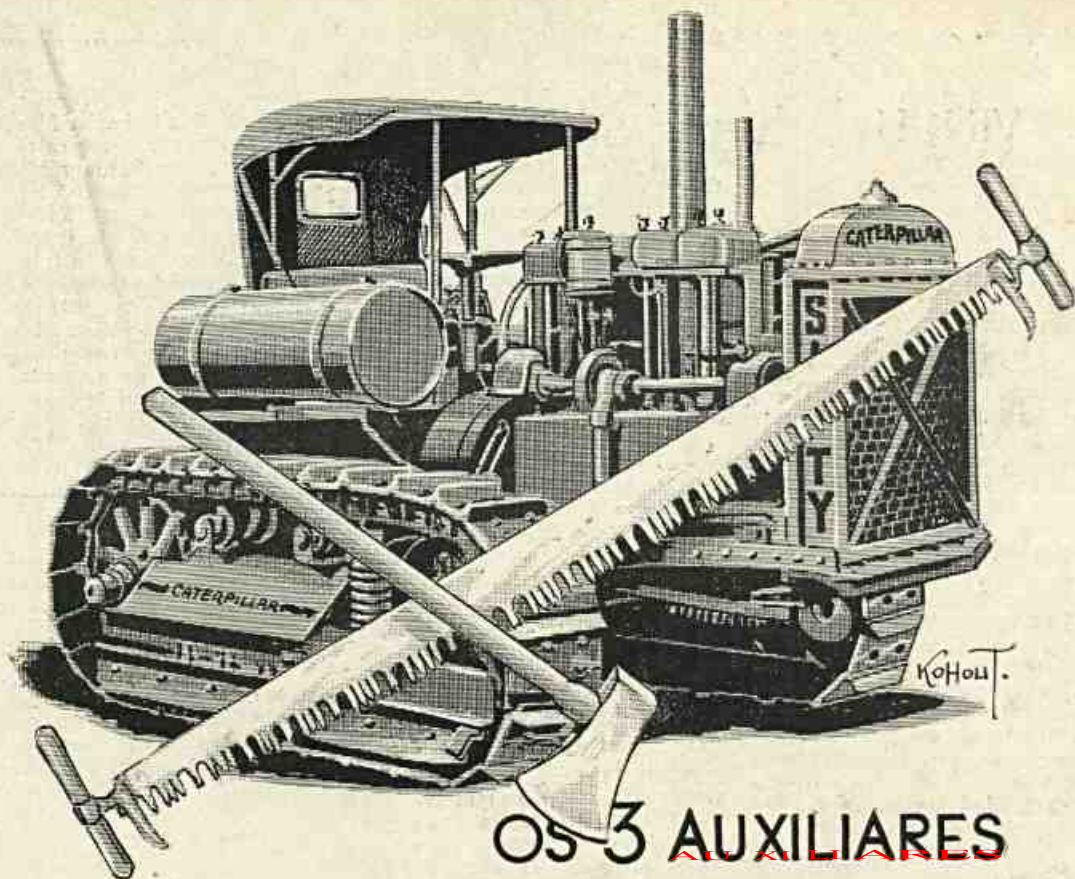
POLIDEZ

O Presidente Jefferson, quando passeava na rua um dia com um negociante, voltou-se com um ar de delicadeza ao comprimento dum negro que passava: «Como» disse o negociante, «vossa excellencia condescende saudar um escravo?

— Sentiria muito — respondeu o Presidente — «se um escravo pudesse me exceder em polidez».

* * * Lineu, o creador da sciencia botanica, foi aprendiz de sapateiro na Suecia.

KOHOUT.

OS 3 AUXILIARES INDISPENSAVEIS AO MADEIREIRO MODERNO: O MACHADO, A SERRA E O TRACTOR "CATERPILLAR"

HA UM TRACTOR "CATERPILLAR" PARA CADA TRABALHO—

HA CENTENAS DE TRABALHOS PARA CADA TRACTOR "CATERPILLAR"

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

SÃO PAULO
RUA FLOR. DE ABREU, 130-A

INTERMACO

RECIFE
RUA BOM JESUS, 237

PORTO ALEGRE
RUA 7 DE SETEMBRO, 816

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

A VINCULO

— O senhor é pelo divorcio ? — perguntei eu a um commandante das armas e chefe de numerosa familia.

— Não, senhor; respondeu-me elle pausadamente — Sou contra. E a razão é muito simples; é que eu sou contra o casamento. Todos esses partidarios de um remedio legal para um mal instituido não se lembram de que são a favor do casamento que é o verdadeiro problema a resolver.

Como eu sou o homem da familia nas horas em que não passo fora de casa, espantei-me, ou fingi espantar-me com essa opinião que, aliás não comprehendi muito claramente.

— Mas venha cá, meu commandante. Ou por isso, ou por aquillo o casamento é uma instituição graças á qual nós podemos jantar fora de casa, ter uma namorada de passatempo e viver respeitados como chefes de familias. Muitas vezes acontece que essa bella coisa matrimonial sae ao contrario dos nossos planos e dos nossos sonhos. Como diabo ha de a gente se desembaraçar de encrenca a não ser pelo divorcio ?

— Pois é isso mesmo, meu caro amigo. Eu sou contra essa encrenca de familia. Não acceito remedios porque é preferivel não contrahir a molestia.

— Então um pobre diabo que caiu na esparrela deve estar condemnado á galé perpetua ?

— Bem feito. Quem o mandou ser burro? quem o manda escutar as caraminholas que lhe impingem pelos ouvidos de lar domestico, paternidade, moral social, paz intima e outras que convêm aos mariolas de capote cuja sinistra missão é pregar uma moral de escravidão e de loucura? Casou-se? Arranje-se. Gema p'ra hi ou quebre a cabeça com um prego na parede.

— O senhor é um barbaro, commandante.

— Sim; não tenho piedade alguma, porque isso não adianta ideia nem modifica a miseravel condição dos imbecis. Mas si o sr. quizer discutir essa coisa de barbaridade, devo chamar a sua ingenua attenção para o obituario da capital onde ha uma columna especial para os nati mortos. E depois é so passear pelos hospicios e em seguida visitar as casas de chá com orchestra, ou os barbeiros com manicuras. Por ahi o sr. calculará os elevados, moralissimos e piedosos effeitos do casamento legal.

Calei-me de crista caida. O commandante é mesmo um furioso inimigo de todos os sonhos cor de rosa deste mundo. Entretanto lembrei-me de um argumento muito nacional:

— Mas, o sr., commandante, é casado...

— Tudo quanto ha de mais casado. E não quero o divorcio lá em casa nem a tiro. E sabe porque ?

Porque no meu casamento houve uma victima e essa foi a minha mulher. Eu vivo para reparar o mal que lhe fiz, escravizando-a e impedindo que ella conhecesse o verdadeiro amor...

BOGATIR

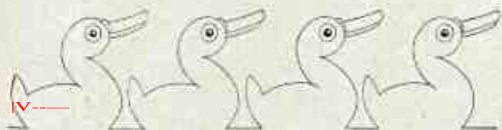
*** As formas poeticas musicaes mais antigas dos Gregos, eram dois hymnos contrarios o «Linus» e o «Pean», inspirados pelas vicissitudes das estações.

«Pean» é um dos numerosos sobrenomes de Apollo; é o Sol, deus da luz, do calor benefico e fecundo. O hymno «Pean» consistia, pois, numa alegre saudação á resurreição da Natureza, ferida de morte durante a triste e esteril estação de inverno.

«Linus», nome de um dos mais antigos hymnos gregos era o hymno da entrada da Verão.

A imaginação grega tinha phantaziado «Linus» como um bello adolescente, de raça divina, que vivendo entre os pastores, foi um dia despedaçado por cães furiosos.

Os cães que devoram Linus representam as ardentes caniculas (do latim «canis, «canem», cão). Assim, o hymno era uma lamentação pelo desapparecimento da Primavera, época das verduras e das flores, mirradas e consumidas pelos adustos calores do verão.

Em Inglez, os dias de canicula chamam-se «dog-days». — litteralmente «dias dos cães»

*** A strichnina foi isolada, pela primeira vez, em 1818, por Pelletier e Caventon, sendo que quinze annos após foi isolado o quinino.

*** A funcção do baço em nosso organismo foi desconhecida durante muito tempo. Hoje sabe-se que tem por funcção principal fabricar globulos brancos do sangue.

*** O alvará regio, pelo qual o serviço dos correios passou a constituir administração do Estado, data de 16 de Março de 1797.

*** Ainda ha pouco considerava-se um dynamo de 120.000 H. P. como coisa espantosa. No passado mez de maio, porém, installou-se na estação geradora de Hell Gate, em Nova York, uma collossal machina electrica com capacidade para 165.000 kws. ou sejam 222.000 C. V. de força. A maior unidade geradora existente anteriormente estava nessa mesma estação e produzia 214.000 C. V.

Com um gerador de 222.000 H. P. alimentam-se um milhão de residencias communs.

Com elle seria possivel illuminar uma estrada que tivesse extensão egual a duas vezes o equador terrestre. A machina, materialmente, distingue-se pela imponencia. A seu lado, na mesma estação, está um dynamo de 67.000 C. V., que, tendo um terço da sua força, é apenas inferior em metade pelo seu volume de construcção.

Na construcção desse dynamo, que é sem duvida o maior do mundo, foram installados todos os recursos da moderna metallurgia.

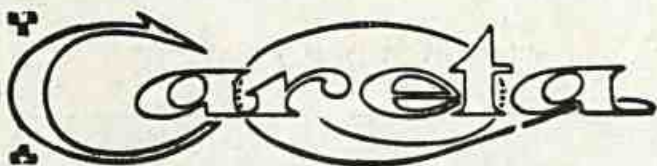
recommendam
para toda e
qualquer dôr a

preparado da CASA BAYER, famoso em todo o mundo.

Ella allivia as dores e restitue ao paciente o seu estado de saude normal.

En toda a parte os medicos receitam-n'a, porque ella é, além de efficaz, absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

J. Schmidt. — Director-Proprietario.
Roberto Schmidt. — Gerente.

REDACÇÃO E OFFICINAS: — RUA FREI CANECA N. 383 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA SOB REGISTRO
ANNO. . 43$000 | SEMESTRE. . 22$000
END. TELEG. KÓSMOS

NUMERO AVULSO
CAPITAL . 500 Rs. | ESTADOS. . 600 Rs.
TELEPHONE VILLA 4994

Este numero contém 44 paginas

N. 1133 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 8 — MARÇO — 1930 — ANNO XXII

Looping the Loop

POR DIZER; POR ESCREVER

Com as ultimas noticias chegadas dos estados sobre as eleições pode-se assegurar que está restabelecida em sua integridade a soberania nacional. Afora ainda as contestações, as depurações e uma pouco provavel mas possivel dissolução das nossas côrtes, os felizardos que lograram envolver os seus nomes de grossas cifras de votos, podem considerar-se no uso e gozo da soberana faculdade de legislar para a nação politica que os tolera como representantes.

A nossa educação civica e republicana, em tudo igual á dos povos sob monarchias absolutas ou democracias de occasião, leva-nos a acceitar como dogma politico a junção desses dois vocabulos sonoros e vasios: soberania nacional Não ha coisa melhor que os substitua na linguagem ou na literatura politica, e as formas representativas das nações agitadas ainda não chegaram ás nossas terras longiquas da America do Sul.

Aqui, porem, já chegou o scepticismo; já ninguem acredita na ficção antiquada da soberania nacional, tão á feição das castas que se pretendem com direito divino para governar com a *camouflage* do direito humano.

O voto já é coisa descutida. E da discussão desse preconceito democrativo o que resulta é a convicção de que elle matou a democracia.

A soberania nacional será talvez a decima dynamisação do remedio heroico da governação de um povo. Não é; nem isso nem outra coisa qualquer positiva e tangivel. Mas vai fazendo o seu caminho sob a descuidosa protecção daquelles contra os quaes está voltada.

Porque a soberania nacional é uma arma poderosa e mortifera; ás mãos de quem quer que seja, as mais carinhosas e mais macias, esse tubo de gaz asphysiante basta para encher todo o paiz de suffocações e de mortes. Della depende a paz e a guerra, o pão e a fome, o tributo e a fortuna, todos os sensos e contrasensos que infallivelmente envolvem as nações onde nove decimos estão em luta contra o decimo restante.

E o peior dos seus piores está na sua perfeita, na sua completa irresponsabilidade, no seu escandaloso anonymato, na sua desoladora imparidade e na sua inconcebivel inverdade. E' de tremer quando se pensa que a paz e a guerra dependem, numa assembléa, de tantos votos contra tantos votos. E, sem fazer da paz e da guerra um simples argumento sentimental, que se pode dizer da capacidade dos componentes de uma assembléa soberana para manter uma paz indeterminada em tudo que seja effectivamente a estagnação?

E' essa estagnação que os proventuarios do voto chamam de ordem publica. Ordem porque não lhes perturba a devoração nem lhes apura os desmandos e desastres.

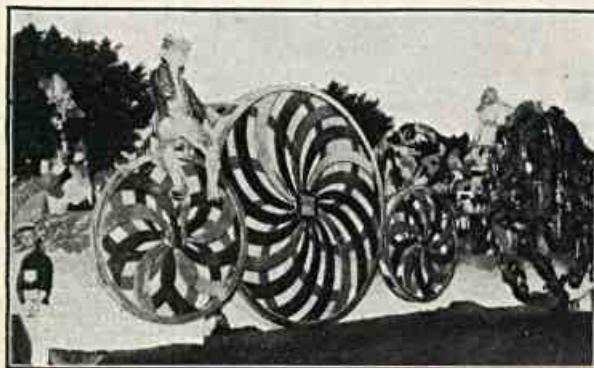
A soberania nacional, aqui e alhures, é o fructo da incapacidade legal de todos os cidadãos, e o cidadão é o ser que abdica, que faz no patamar da patria politica a renuncia forçada de seu direito humano em favor do direito escripto para e pelo interesse de outros.

Esperemos, porém, dos novos representantes da nação soberana: é o nosso dever, de nós que devemos tudo. Esperemos que elles contrahiam ainda novas dividas que cem gerações não poderão pagar.

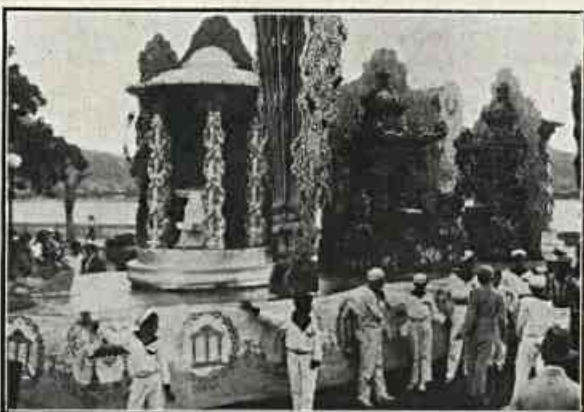
D. R. F

OS PRESTITOS DOS GRANDES CLUBS

CLUB DOS DEMOCRATICOS

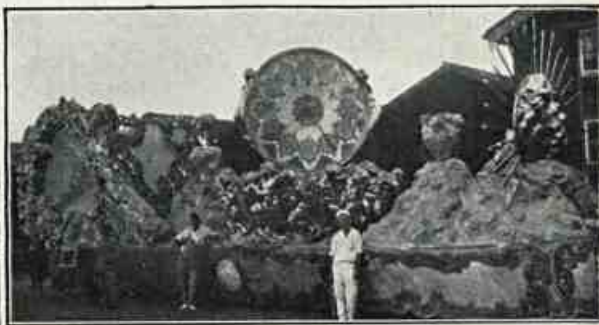
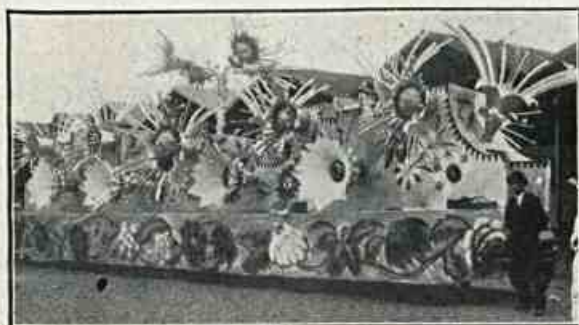
O Carro Chefe.

Carro allegorico.

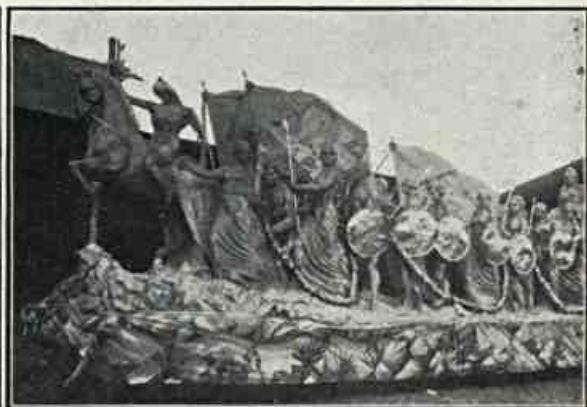
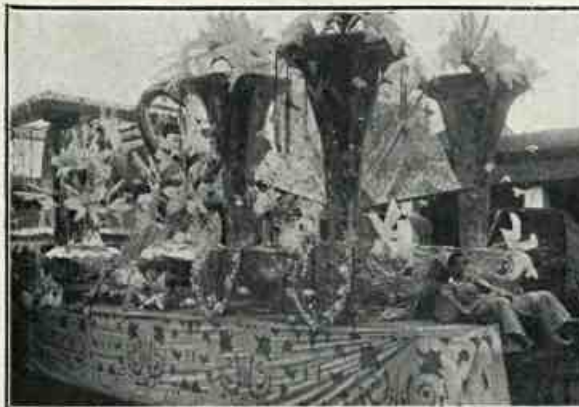
Carro da «Saudade que não morre».

Carro «Idyllio Molhado».

Carro allegorico.

OS PRESTITOS DOS GRANDES CLUBS

CLUB DOS FENIANOS

O Carro Chefe.

Carro O Sonho de Opio.

Carro Dansa das Horas.

Carro Flora Estylisada.

Carro Pela Grandeza do Brazil.

TROVAS PARA O DESCONHECIDO...

Em Portugal trem é carro
E o nosso trem é comboio
Homem que, faz frente é moço
E tabaréu é saloio.

Um bloco forma. Na frente o baliza. Nas fileiras vão os principes e os duques, os *pierrots* e as colombinas.

Arma-se um rolo. Vem a policia. O bloco dispersa. O duque da Gavea vai para o xadrez.

O delegado interroga:

— Em quem votou?

— Não sou eleitor.

— Então com é que teve a coragem de se fantasiar?!

E o duque ficou trez dias de môlho.

— Votei nas eleições. Votei em mim mesmo! — dizia um cavalheiro a outro cavalheiro.

— Mas, quem é você? — pergunta este áquelle.

— Eu sou um homem de duas caras e, portanto, na mascarada eleitoral, mostrei que tenho consciencia do meu descaramento.

— Perfeitamente! E's um politico daquelles de que precisa o paiz em eterno carnaval.

WASHINGTON — De onde vens, Jeca?

JECA — Sei lá! Dizem tanta coisa!... Alguns dizem que eu acabei de votar no Bloco Nacional.

CARNAVAL NOS CLUBS

Matinée infantil no Club dos Bandeirantes.

CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no Club Central.

TROVAS

Existe no mar um peixe
Que quadrupede já foi,
Sinão não se chamaria
Hoje em dia peixe-boi

Sinhazinha foi ao baile. Foi fugida dos paes. Mas voltou. Infelizmente ao voltar em casa pela manhã lá estava o velho furioso.

— Volte para onde veiu!
— Mas...
— Gallo onde canta, janta...
— Mas... eu não sou gallo...
— E' peior! muito peior!
— Que será?

Do repertorio devoto:

— V. Ex. tambem é devota de Santa Therezinha?
— Considero-me dispensada, porque moro em Santa Thereza.

COISAS DE CARNAVAL

O MASCARADO — Então você não acredita que assim fantasiado de aeroplano eu voei melhor nos ares da opinião publica?

O OUTRO — Pode ser, mas em politica como em carnaval, tudo isso não passou de fantasia...

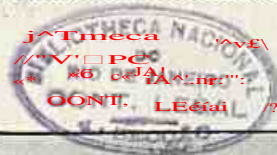
OS PRESTITOS DOS GRANDES CLUBS

CLUB DOS TENENTES DO DIABO — O Carro Chefe.

Carro Dante e Beatriz para o céu

Carro O Paraizo.

Carro Glorificação á Republica.

Carro O Hymno Nacional

OS PRESTITOS DOS GRANDES CLUBS

PIERROTS DA CAVERNA — I — O Carro Chefe. II — O carro dos Myosotis. III — O carro das Papoulas.

A LENDA DE PELOTAS

Quando o navio singrava as aguas do rio São Gonçalo, que não é rio, mas um canal que liga a lagôa dos Patos á lagôa Mirim, uma passageira gaúcha, que vinha do Rio, perguntou-me:

— O senhor sabe por que é que esta cidade se chama Pelotas?

— Não, minha senhora, mas teria muita satisfação em conhecer a origem desse nome.

— Vem dos tempos coloniaes, quando os primeiros habitantes da região navegavam em umas barcaças de couro que davam o nome de pelotas.

— Curioso!

— Entretanto, a cidade tambem poderia chamar-se S. Francisco de Paula, que é o nosso padroeiro.

— Prefiro Pelotas, minha senhora. Já é monotona a nomenclatura de santidades da nossa geographia physica e politica.

— Pois ha uma lenda a respeito de S. Francisco de Paula.

— Então conte, conte essa lenda. A occasião não podia ser mais opportuna do que agora que demandamos Pelotas.

O navio fundeia as aguas tranquillas, deixando uma longa esteira. A manhã estava limpida e fresca, apezar de estarmos no verão. Nas margens baixas começam a apparecer estabelecimentos varios, precursores da cidade.

A passageira então disse:

— Conta-se que um preto, escravo de um fazendeiro desta redondeza,

OS DOIS PARTIDOS

ELLA — Sabe? Eu me enthusiasmei devéras com o *liberalismo* do Getulio!
ELLE — Eu, minha senhora, apreciei muito as *liberalidades* do Julio!

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

Baile do Grupo Bola Verde á fantasia.

viu boiando no rio uma caixa de madeira, que conseguiu apanhar. Dentro havia uma imagem de S. Francisco de Paula. D'onde teria vindo? Problema insoluvel. O fazendeiro collocou a imagem numa das paredes internas da casa. Succedendo mais tarde chegar-lhe a noticia de que a fazenda seria assaltada, escondeu atraz dessa parede tudo quanto de valor possuia. Deu-se effectivamente o assalto e o saque foi completo, salvo aquillo que se abrigava atraz da parede protegida por S. Francisco de Paula. Eis por que é elle o padroeiro de Pelotas.

Já então se avistavam o cáes e a ossaria da cidade, entre cujos templos avulta o do seu protector.

MICROMEGAS

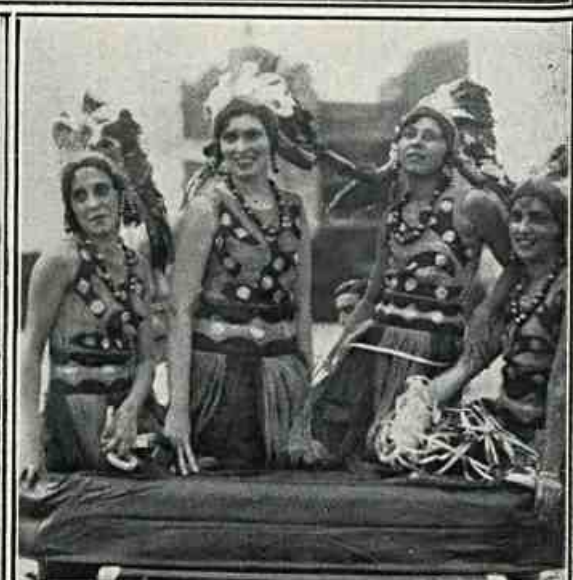
TROVAS

A luz do grande Lampeão
Já estaria reduzida,
Si por elle não houvesse
Ainda muita torcida.

DENTRO DA URNA

O Povo — Eu tenho certeza que colloquei aqui o meu candidato, mas não sei si elle saiu daqui com o nome trocado.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no Grajahú Tennis Club.

CARNAVAL DE 1930 — Os corsos de domingo gordo na Avenida.

O DIA DOS RANCHOS

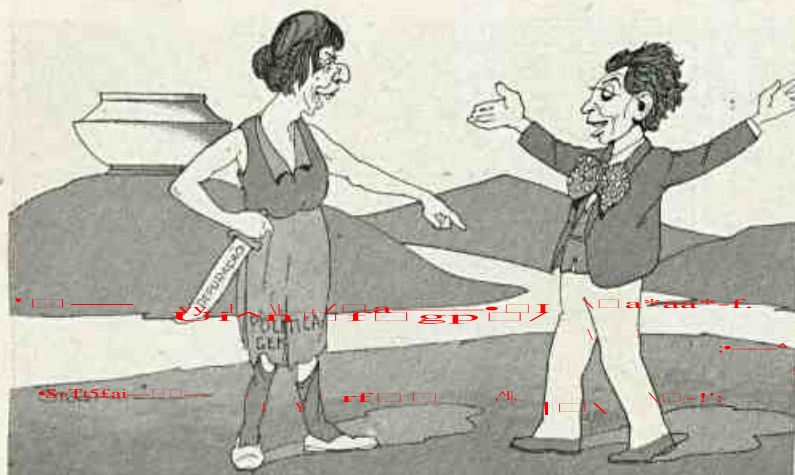
Parasitas de Ramos.

Abborrecidos de Ramos.

O ETERNO SONHO

O SONHADOR — E vimos então o magestoso espectaculo da consagração de um candidato nacional eleito pelo povo!

ELLA — Pois sim! No frigir dos ovos que veremos a manteiga que os frigiu...

VENENO DE EVA

— Ouvi dizer que a viuva do Malaquias não se porta bem. Será verdade?

— Si fôr verdade, a culpa é do Malaquias, de ter deixado fortuna para ella tentar outros.

* * *

— D. Zelinda agora é zeladora da egreja de Santo Onofre. Você sabia?

— Pobre do Santo Onofre; si ella zelar pela igreja como zela pela propria casa!

TROVAS

Chamar ladrão a quem rouba
No fundo ha de ter malicia...
Si todo ladrão ladrasse,
Fôra inutil a policia.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no Club Militar.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no Club de Regatas Guanabara

Do repertorio urbano:

— Que diabo! Por que é que você hoje está andando tão devagar?

— Não sei. Só si é porque a minha bengala tem punho de tartaruga.

•••• ooo o ooo••••

TROVAS

A capital dos francezes
Tem perigos, bem se diz:
E' por isso que ha veneno
Forte no Verde-Paris.

•••• ooo o ooo••••

— Isso de carnaval é uma maluquice...

— Concordo. Examinando bem é uma perfeita patetice.

— Pois é. E toda essa gente pensa que está se divertindo.

— Chegam a acreditar nisso; é que não examinam bem as coisas.

— Infelizmente! e isso se passa em uma cidade que se diz civilisada.

O EXCURSIONISTA — O que ha do outro lado da serra?

O CHAUFFEUR — E' Minas. A terra da liberdade, de onde partiu o primeiro grito da «liberalidade»...

O EXCURSIONISTA — Então vamos voltar porque ainda estou vendo tudo tão preto!...

— Talvez a civilisação seja isso mesmo.

— Deve ser. E uma prova é que os carnavalescos deixam a sua civilização de parte e vão pelas ruas com trajes de gente do passado, como sejam os principes, os bispos, os reis, os caciques etc.

O DIA DOS RANCHOS

Prazer das Morenas.

BLOCK-NOTES

RECORDAÇÕES DO CARNAVAL

Na monotonia azeda do nosso habitual mau-humor, o Carnaval é um parenthese necessario de alegria. E' uma festa providencial. E é uma festa encantadora. Uma maluquice unanime e ingenua, que vae para o meio da rua, sem preconceito e sem médo, para cantar, para dansar, para rir. O Carnaval do Rio faz um bem á gente E' uma lição feliz de bom-humor, de tolerancia, de bondade instinctiva e geral. Creio que é o Carnaval o unico momento em que é possivel descobrir as reservas de ironia e de lyrismo que dormem na alma anonyma das nossas ruas.

* * *

— Mas você, um rapaz tão intelligente, gosta mesmo do Carnaval?

— Palavra de honra. Adoro!

— Não lhe gabo o gosto.

E o Carnaval de que eu gosto, acredite, não é o dos bailes, nem o da Avenida: é o Carnaval da Praça 11... Bagunça nacional, cheiradon a preto e a portuguez! aquillo é bom como quê...

— Kipilng tambem gostou.

— Apesar disso, continúo firme a dizer: o Carnaval da Praça 11 é um caso muito serio!

* * *

Oh! o mysterio ebriante das mulheres de mascaras, rondando e ondulando em torno da gente, nos bailes de Carnaval! Era esse mysterio que seduzia, no seculo XVIII, a exaltação esthetica de Gavarni. E' simplesmente deliciosa esse quente cheiro excitante de atmosphera dos salões de dansas, onde o ether e o champagne embriagam, ao rythmo allucinante do «jazz»...

* * *

No Rio, quando é carnaval, a mulher de corpo lindo que sorri ao nosso secreto desejo, nunca está totalmente longe da caricia envolvente da nossa mão... O Carnaval torna viaveis todas as aventuras, e é cheio de possibilidades surprehendentes.

* * *

E' um incomparavel spectaculo decorativo um grande salão de baile, no Rio, pelo Carnaval. Para alegria dos nossos olhos desfila sem cessar a procissão ornamental das lindas visões: a elegancia embonecada d'uma princezinha de Versailles... reivescencias deliciosas de mme. Recamier e mme. Vallier, evocando os salões bizarros do Directorio... e como se fossem motivos ornamentaes de uma pagina dos Goncourts, a theoria delirante da nudez—aquella nudez demoniaca em cuja audacia se escondem desconcertantes audacias...

* * *

Balzac, no seu tempo, teve a curiosidade de conhecer os bailes privados de Chicard, e Gavarni levou-o certa noite á grande sala allucinante das «Vendanges de Bourgogne...»

Balzac teve um momento de perplexidade e encantamento. Seus olhos fragmentaram-se, inquietos na contemplação d'aquelle espectaculo de sartilegio. Mas o que maior impressão causou aos olhinhos miudos e verrumantes de mestre Balzac, cujo perfil rabelaisiano scintilava, dentro do seu burel branco, no tumulto delirante da folia, foram as dansas comicas de Brunswick e as «arsouilles» de um ourives do Palais Royal.

* * *

Uma vez, n'um baile desses, no meio da ceia, pulou de dentro de uma enorme empada o lindo corpo de uma mulher núa, que dansou sobre a mesa, entre taças de champagne e beijos...

* * *

Quando terá o Rio um espectaculo desses? O nosso Carnaval, por emquanto, tem que ser mesmo o furdunço gostoso da Praça 11. Bailes como os de Chicard e Gavarni, com empadas de mulheres núas e m. Balzac de burel, não são coisa que se invente ou se improvise, porque são um fructo delicioso de civilisação e decadencia. Em materia de bailes, vamos nos contentando mesmo, á falta de coisa melhor, com os de Copacabana Palace e os HighLife, festas tristes, atrazadonas, provincianas e fatigantes... O unico Carnaval que presta no Rio é o da rua: o Carnaval do povo.

PEREGRINO JUNIOR

O DIA DOS RANCHOS

Alliança Club.

Do repertorio equestre:

— Quem seria o homem que primeiro teve a idéa de andar a cavallo?

— Não sei, mas posso afiançar que o camarada não era burro.

TROVAS

Não sei si acaso o cachorro
Me chamaria de bobo,
Perguntando-lhe eu si gosta
De ser parente do lobo.

Do repertorio odontologico:

— Para este dente de V. Ex. a unica cousa que se póde fazer é uma corôa.

— Pois bem, faça; mas uma corôa de viscondessa, que é o meu titulo.

MAXIMAS DE MOMO

As mulheres, no Carnaval, jogam com duas mascaras: a sua e a outra, de todo o dia...

▫ ▫ ▫

As feias divertem-se muito, deliciosamente... Mascaradas, esquecem-se da sua feiura, e nós tambem...

▫ ▫ ▫

Ha, porem, feiuras que atravessam a mascara mais espessa, mesmo as de arame... Sente-se qualquer cousa que denuncia o estafermo sob a linda fantasia de Maria Antonieta. E Maria Antonieta, mais uma vez, continúa a ser insultada... Pobre rainha!

▫ ▫ ▫

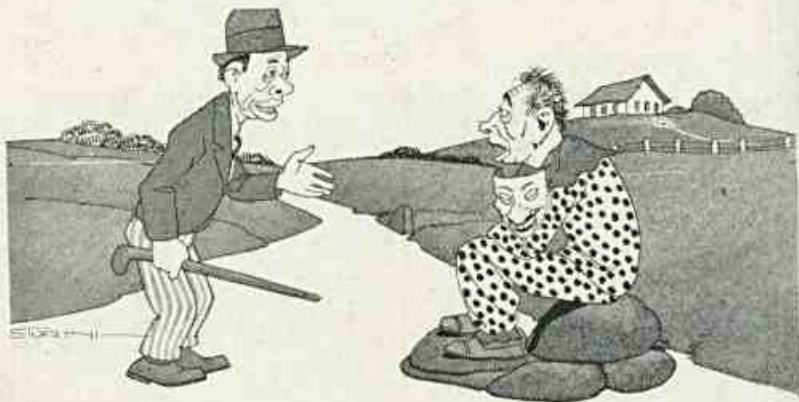
A mascara é uma illusão de que se alimentam, sobretudo, os que a fabricam...

▫ ▫ ▫

«Diz-me como te fantasias e dir-te-ei quem és...» Axioma de Carnaval, que serve para todo o anno. Um homem fantasiado de cigano acabará roubando cavalos, e outro que se fantasia de Romeu nunca será um bom chefe de repartição...

▫ ▫ ▫

A hora de tirar a fantasia... E' a hora-symbolo dos desenganos da vida. Imagine-se uma pobre preta, na quarta feira de cinzas, tirando o manto de rainha de Sabá para ir esfregar, ás carreiras, o fundo das panellas! Ou um principe oriental, desses de grande turbante

NA PAVUNA

— Você foi assim para as eleições?

— Aproveitei o carnaval para votar fantasiado. Você sabe que sou funccionario publico, e tive que botar a mascara official.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no America F. Club.

recamado de pedrarias, calçando os tamancos para ir tirar, muito cedo, o leite ás vacas...

□ □ □

Todos nós, temos, na nossa vida, a «hora de tirar a fantasia». Porque, desgraçadamente, depois que a vestimos nunca nos apercebemos da hora em que o Carnaval acabou e em que é preciso voltar a ser o que somos...

□ □ □

Ha gente que tem a mesma infelicidade irremediavel dos macacos — nunca pode deixar de ser macaco por causa do rabo, que é impossivel esconder...

□ □ □

Nunca se deve perder, nem mesmo no Carnaval, o senso das proporções... Alvejar uma dama grande e gorda com um minusculo lança-perfume de 60 grammas é de um ridiculo atroz... Para essas damas, só a mangueira dos bombeiros e a escada Margyrus, de seis lances...

□ □ □

O *confetti* tem a fórma das moedas... Uma chuva de *confetti* é, sempre, uma sensação agradavel para as mulheres... Ellas conhecem a historia de Jupiter... O grande deus pagão, para conquistar uma dama por que estava apaixonado, desceu, á terra, numa chuva de oiro... E foi a conta.

□ □ □

A meia mascara é uma tentação porque só esconde a metade... Todas as mulheres gostam da meia mascara; ellas sabem que um mysterio muito grande e impenetravel acaba cansando... As mulheres são mais espertas do que nós imaginamos...

□ □ □

A mascara é, muitas vezes, uma reacção contra a realidade... O direito de mudar de physionomia é o mais precioso de todos os direitos que o Carnaval nos concede. O peor é que a illusão dura, apenas, tres dias...

□ □ □

As bellas mulheres são sempre bellas, mesmo sob a mascara de um animal feroz. E ellas não renunciam, de bom grado, a essa vantagem... So conservam a mascara no começo da festa. Desconfiai da mulher que conserva a mascara até o fim...

□ □ □

A mascara, como o telephone, é um recurso de que as feias se aproveitam para amar... impunemente. Se queres ser bom, não lhes tires essa illusão mas tambem... não conserves nenhuma!

□ □ □

O Carnaval é a officialização do engano, o *bluff* erigido em principio... Por isso, é a festa universal de todos os que não estão satisfeitos com a Vida...

□ □ □

Para que uma fantasia exterior, se a alma tambem não se fantasia? Não ha nada mais triste do que um Mephistopheles, carregado de guisos, encolhido, a um canto, como um poeta sem sorte a quem a namorada abandonou...

□ □ □

Momo é o rei da mentira. Por isso, tambem é o rei das mulheres...

□ □ □

Os amores do Carnaval duram apenas, até a quarta feira de cinzas. Tres dias... Bella idade para um amor morrer! Por isso são esses os nossos melhores amores...

□ □ □

Se o Diabo tambem brinca de Carnaval?... E' claro que sim... E as mulheres, onde ficam?...

□ □ □

Ter juizo é, sem duvida, uma cousa immensamente sem graça... Mesmo porque, isso nem siquer livra um homem de ficar maluco...

BERILLO NEVES

O CARNAVAL NOS CLUBS — Baile á fantasiano America F. Club.

O DIA DOS RANCHOS

Flôr da Lyra de Bangú.

Dentro da madrugada...

Por Berilo NEVES

Na noite, alta e fria, os ultimos ecos do Carnaval se dissipavam com os ultimos farrapos da treva... Na rua, a luz das lampadas electricas tinha o brilho embaciado e tremulo dos crepusculos. No oriente, um leve e tenue rubôr annunciava, docemente, a manhã proxima. Restos de canções vogavam no ar como destroços de um naufragio de sons... Ao longe, do fundo de um automovel que passara, emergiam, como de um abysmo, rytmos carnavalescos, que escorriam no ar, lentamente, como um oleo:

«Na Pavuna,
Na Pavuna!...»

E mais nada. A alegria doida que durante tres dias se apoderara da Cidade e a fizera saltar e cantar numa immensa festa de 72 horas, morria, agora, como morrem, no mundo, todas as alegrias... Como um salão de baile de que se retiraram os pares mas que ainda conserva a sua illuminação festiva e a sua decoração sumptuosa, a Rua ainda era bella, mas já não tinha vida. Era como um estojo magnifico, de veludo, sem a joia cara que o fazia ainda mais bello... E a madrugada vinha, avançando em luz e em côr, toda fresca e nova como uma bella mulher que sae de um grande banho perfumado. O asphalto estava encoberto sob um montão de *confetti*, serpentinas, restos de caixas de papelão, fragmento sde vidros e de lança-perfume... Metidos nos seus *dolmans* azues, os garys da limpeza publica iam e vinham numa azafama, batendo o pó, empurrando o lixo a golpes violentos de vassoira. E todo aquelle montão de ruinas—que tinha sido côr, fórma, perfume, sensação, vida — confundia-se numa cousa indistincta e sordida que era Lixo, e mais nada... Olhei por longo tempo aquelle final de festa, triste como todos os finaes, lugubre como todos os enterros... E senti que um dos garys volteava a vassoira lentamente, como se estivera, apenas, meio acordado. Chamei-o com um «psiu» amigo. Encarou-me, e vi-lhe, na face, restos de vermelhão, sombras roxas de pandega... *«Está doente?»* — indaguei, para lhe ganhar a sympathia. «Não, «seu» doutor. *Estou cansado...»* — respondeu com os olhos baixos, a vassoira inerte apoiada no hombro robusto. Dei-lhe um cigarro. Sorriu. Animou-se. E contou, num desabafo, que o fazia menos desgraçado:

— Aqui onde o sr. me vê eu já tive um bom emprego, que perdi por uma rixa com o dono da casa. Negocio de mulheres, o sr. sabe, não?... Pois bem. Faz dois annos isso.

Nunca mais consegui uma bôa collocação e tive que engajar-me na limpeza publica, para varrer as ruas... Mas a minha paixão é o Carnaval. Nos bons tempos fazia o corso, como a gente bôa, e ia aos bailes finos, onde se bebe bem e dansa melhor...

Este anno, com poucos recursos, acceitei o lugar de Nero no prestito de uma das grandes sociedades de Carnaval. Tenho bom corpo, como vê, e ia maravilhosamente bem como imperador romano. Hontem, terça feira gorda, tive o meu grande dia, ou antes, a minha

O DIA DOS RANCHOS

Arrepiados.

grande noite! Nunca vi tanta gente na minha vida. A cidade parecia pegar fogo nos quatro cantos... Mal podiamos passar por entre os cordões de isolamento estabelecidos pela policia. Não viu o prestito dos *«Funambulescos»*? Era o mais rico, na opinião de toda gente. Pois bem: eu vinha no carro chefe, com a tunica de Nero, a cabeça coroada de loiros, a lyra entre as mãos, assistindo ao incendio de Roma... Atiravam-me flores, das janellas da Avenida. Lindas mulheres sorriam para mim e mandavam beijos, com as pontas dos dedos... Eu lamentei que aquella lyra fosse de papelão. Palavra, «seu» doutor! Deu-me, naquelle momento, não sei porque, uma grande vontade de ser Nero de verdade, e de tocar o instrumento... Tanta mulher bonita, tantas mãos finas batendo palmas á minha passagem! Foi o melhor dia da minha vida! Agora posso morrer, «seu» doutor...

Enxugou, com as costas da mão, uma lagrima indiscreta. E, num suspiro, como quem arranca um espinho da alma:

— E agora aqui, a varrer as ruas, como um cão! E será assim todo o anno, até o Carnaval futuro... Ainda serei Nero para o anno?

Uma voz rude, aggressiva, despertou-nos daquella confidencia. Era o chefe da turma de garys, berrando pelo 82. *«Que estás a fazer, ahi, homem, com a vassoira na mão? Estás a dormir?»*

Elle affastou-se, lentamente, sem uma palavra. E, empunhando de rijo a vassoira, fel-a raspar o chão com violencia, e atirar longe um turbilhão de poeira...

Era como se varresse, de golpe, um mundo de illusões mortas... Affastei-me para não assistir á sua humilhação. O dia acordava—rubro, vivo, esplendido como uma flor de petalas de oiro fino... Já uma grande barra vermelha tingia o horizonte, ameaçando envolver todo o hemispherio. O mar, muito quieto, parecia dormir, como um pobre cão medroso, junto á muralha da Avenida. Uma neblina discreta pairava no ar, levemente, tremula como se tivesse a consciencia intima de que, com a luz que vinha, era preciso morrer, fatalmente...

Que era o Carnaval, agora? Um éco, uma sombra, um nada de que só nos ficava um vago perfume nas narinas e uma vaga saudade na alma... Todo aquelle tumulto de sensações rolara para o passado, para o esquecimento, para o nada... Eram como restos de corpos anonymos numa vala commum. Os imperadores romanos voltavam a varrer as ruas... Os infelizes voltavam a ser infelizes. Só o dia era bello, porque não tinha alma... Para que não faltasse nunca, com o seu calor e o seu brilho, á fome e ao frio do mundo, Deus não quiz dar alma ao sol... E o sol, sem alma, será eternamente bello e eternamente bom...

BERILO NEVES

Carnaval. Primeiro dia. Um marmanjo vestido de donzella dansa no meio da rua. Applaudem. Alguem grita:

— Quebra, meu bem!

A essa voz o marmanjo dispara. Era negociante de café.

OS GABIRÚS DO "CATTETE"

Bloco official que disputou as preferencias do eleitorado carnavalesco.

— Então não se deu a intervenção em Minas?
— Deu-se, pois não!
— Está enganado...
— Como enganado? Pois o Getulio não interviu para derrotar o Julio?
— Ah! bem!

* * * A Grande Pyramide do Egypto, a de Cheops, contém 2 300.000 blocos de pedras.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no Atlantico Club.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia do Grupo da Onda, do Praia Club de Copacabana

OS MIMOSOS DA ALLIANÇA

Bloco dissidente que concorreu com os gabirús do "Cattete" aos votos dos carnavalescos do Sabbado de Carnaval.

O DIA DOS RANCHOS

Flôr do Abacate.

Que é a mascara?

No Carnaval, a mascara é quasi tudo... Ella ajuda-nos esquecer o que somos em favor do que, muita vez, desejariamos ser... E' um elemento de illusão e, como tal, de felicidade... Assim o entendendo «CARETA» que afivelou sobre a cara triste do Brasil a divina mascara encantadora do riso, procurou saber a opinião de alguns dos nossos mais illustres escriptores e artistas sobre a mascara. Eis ahi o resultado do inquerito».

«A mascara? E' uma hypothese de papelão sobre uma realidade de carne...» — *Claudio de Souza*

◻ ◻ ◻

«E' a melhor prova, que pudemos dar, de que não estamos satisfeitos com a nossa cara...» — *Jarbas de Carvalho*

◻ ◻ ◻

«E' um arremedo da Creação feito com papel, gomma arabica e seda...» — *Alves de Souza.*

◻ ◻ ◻

«A mascara nasceu com o Homem. Era o molde com que o Senhor experimentava o effeito de um nariz, a projecção de uma orelha, as sombras de uma pestana. Feita a experiencia, Elle deitava fóra a mascara, por inutil... Mas alguns de seus ajudantes, inexperientes, apanhavam-nas e punham-nas em alguns individuos a quem só faltava a cara... Dahi o existirem sujeitos que parecem eternamente mascarados...» *Flexa Ribeiro.*

◻ ◻ ◻

«A mascara é horrivel, simplesmente grotesca. A meia mascara, de seda ou de veludo, é que é distincta... E' a unica cousa cuja metade vale mais do que o todo...» *Peregrino Junior.*

◻ ◻ ◻

«Detesto mascaras. O homem que não tem coragem para arrostar com a cara que Deus lhe deu não é um homem...» *João Lourenço.*

◻ ◻ ◻

«Um homem verdadeiramente bonito jamais pensa em usar mascaras...» *Loureiro Sobrinho.*

◻ ◻ ◻

«Prefiro as mascaras do espirito... O seu uso exige uma arte mais subtil e mais fina. Rir quando se teria vontade de chorar, ou chorar quando se teria vontade de rir—isso, sim, é que é mascarar-se... O Carnaval das almas é bem mais divertido do que o outro, o das ruas...» *Martins Capistrano.*

◻ ◻ ◻

«O melhor de tudo é a hora de tirar a mascara... Quanta surpreza agradavel!...» — *Octavio Tavares*

◻ ◻ ◻

«A mascara é um indice psychologico. Cada um escolhe a sua mascara de accordo com as suas concepções esthethicas, a sua formação literaria, a sua educação sentimental, o seu «eu» psychico, emfim... Um homem intelligente nunca escolhe uma mascara de burro: prefere a de Romeu ou, mesmo, a de Barba Azul... A mascara, como o estylo, é o homem...» *Gustavo Barroso.*

◻ ◻ ◻

«As vezes é um bom negocio mudar de cara...» *Viriato Correia*

◻ ◻ ◻

«A mudança é a propria alma da vida. Só o que é variavel é digno de ser amado. Só ainda não me casei com receio de que a mulher fique, toda a vida, com a mesma cara...» *Humberto Gottuzo*

◻ ◻ ◻

«A mascara? Mas, *craa amiga...*» *Castelar de Carvalho*

◻ ◻ ◻

«Para um artista, só a *fórma viva* existe... A Venus de Milo póde ser muito bella mas tem, para mim, um grave defeito: está morta. Por isso não me interessa...» *Povina Cavalcanti*

□ □ □

«O homem mascarado leva uma grande desvantagem sobre os outros: só póde beber *chopp* atravez de um canudo...» *João Mello*

□ □ □

«Eu penso como o João Mello... Tal qual...» *Marcio Reis*

□ □ □

«Não gosto de mascaras: ellas representam uma restricção á belleza ou um *truc* da fealdade. Qualquer das hypotheses é antipathica... *Euricles de Mattos.*

□ □ □

«Uma mulher *chic* não deve occultar nada a um homem de arte: nem mesmo o rosto...» *Eduardo Tourinho*

□ □ □

«Detesto as mascaras. Diante dos recursos de mystificação que a face humana possue, a mascara é uma banalidade... grosseira» *Arthur de Guaraná*

□ □ □

«Por mais bem mascarada que esteja, a mulata é sempre facil de diagnosticar no meio de qualquer multidão, por maior que seja...» *Antonio Cicero.*

□ □ □

«A vida é uma mascarada tragica até o tumulo... Para entrar no outro mundo temos que tirar a mascara. A Eternidade é séria...» *Fransisco Karam*

□ □ □

«A mascara é, antes de tudo, uma covardia. O homem não deve ter medo de cousa alguma, nem de si mesmo...» *Idelfonso Falcão.*

□ □ □

«E' o direito de deixar de ser o que se é... Respeitemol-o...» *Octavio Britto*

□ □ □

«Tenho horror ás mulheres mascaradas... Podem ser feias...» *Acyr Paes.*

□ □ □

«A mascara será muitas vezes uma sinceridade. A sua ausencia é invariavelmente uma hypocrisia». *Domingos Ribeiro Filho.*

□ □ □

«Para fazer tirar a mascara a uma mulher bonita nada como uma bôa *Champagne...*» *Roberto Marinho*

□ □ □

«A mascara é um mysterio amarrado a um cordão...» *Murilo Lavrador*

□ □ □

«A feiura é a mascara que nem com lagrimas se arranca... Detesto essa essa especie de Carnaval a serio...» *Bastos Portella*

□ □ □

«A mascara vem dos tempos do paganismo. E, no espolio do paganismo, ha muita coisa agradavel...» *Arthur Gaspar Vianna.*

□ □ □

«A belleza é a poesia da face. A fealdade é uma caricatura. Um bom poeta que, ao mesmo tempo, é um homem bonito, é um ser quasi perfeito...» *Francisco Karam*

□ □ □

«Eu creio nas mascaras mas duvido muito das mulheres...» *Um incognito.*

Confere com os originais

BERILO NEVES

CARNAVAL NOS CLUBS

O Baile á fantasia no Orpheon Portuguez.

EM QUE FICAMOS?

J. P. — Esta cadeira é minha...
G. V. — Esta cadeira é minha.

A RUA A VAREJO

— Você, si fosse o Primo de Rivera, abandonava o poder?

— Com a pelle ameaçada, como elle estava, com certeza, porque, meu velho, primo... Rivera.

* * *

— Então, como te correm as cousas agora? Melhorou a quebradeira?

— Qual, meu caro, para mim o arame ainda não deixou de ser farpado.

Duas rivaes se encontraram num baile do Botafogo:

— Você teve coragem de vir até aqui sabendo que eu vinha! — diz uma dellas furiosa.

— Naturalmente! Vim vêr si você teria coragem de apparecer ao menos para verificar si eu não vinha. Mas eu estou aqui!

— E eu tambem!

Resultado: fizeram as pazes, porque o causador da rivalidade appareceu com uma terceira.

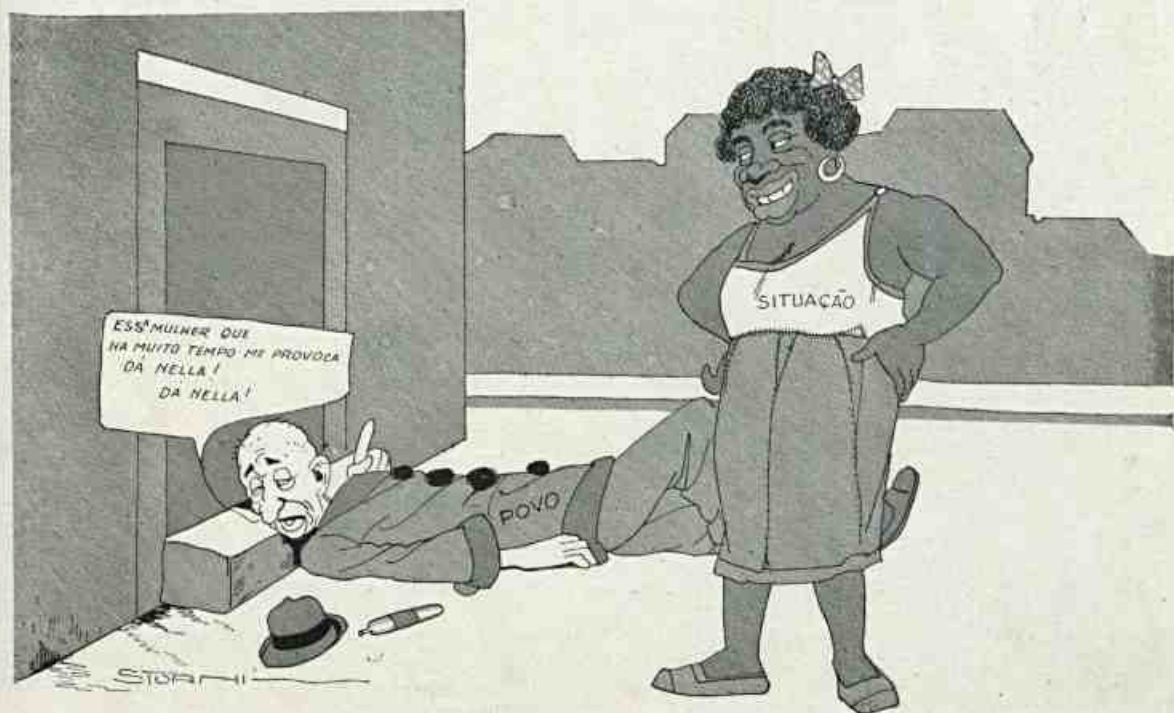
Coisas do carnaval? ou coisas da vida?

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia no Centro Mattogrossense.

O CARNAVAL NOS CLUBS

Baile á fantasia do Club de Regatas do Flamengo.

O TRISTE DESPERTAR

ELLA — Coitado! ainda está sob a acção do ether. Quando accordar não ficará muito satisfeito com a minha cara

THEATRO REPUBLICA

A Matinée infantil de domingo gordo.

Um sorriso para todas...

Antigamente o Carnaval era, no Rio, um desabafo da alma do povo. Quando elle chegava, a gente botava as maguas p'ra um lado, e se vingava de tudo que havia de ruim neste mundão de Deus—pessoas e coisas... Por isso, no Carnaval, as canções, os ranchos, os cordões, as fantasias, as mascaras — eram tudo «charges» deliciosas da mascarada da cidade... Os casos politicos, os figurões do momento, as creaturas mais graves e importantes vinham assim para a Avenida, no domingo e só desappareciam na quarta-feira. Era uma procissão de ridiculo que as punia por todas as suas culpas e por todas as suas tolices. O Carnaval era, dest'arte, um patibulo inexoravel, a que subiam, todos os annos, aquelles que, na opinião do povo carioca, mereciam castigo... Um castigo divertido, ingenuo, sem amargura, mas terrivel: o castigo do ridiculo. E ás vezes inutilizava um cidadão... Porque a gargalhada carioca do Carnaval é dessas que põem abaixo uma instituição! Tanto isso era verdade, que os homens importantes tinham mêdo do Carnaval. Elles sabiam que bastava uma canção carnavalesca para as tragar-lhes definitivamente a vida...

Mas, de certo tempo para cá, não sei porque, o Carnaval do Rio se modificou: acabaram-se as «charges». Nem canções, nem mascaras, nem fantasias se atrevem hoje a exhibir, nas ruas da cidade, os ridiculos ou as mazellas dos nossos figurões. Os medalhões da cidade já podem dormir tranquillos, sem o temor apavorante de ver na Avenida, em procissão, o desfile das suas caricaturas. Neste momento, por exemplo, — momento de agitação politica—que devia excitar tão vivamente a «verve» carnavalesca, não vimos jamais no Rio uma só fantasia ou uma unica mascara, ou sequer uma canção, que pudessem fixar a hora que passa, ou tentassem uma «charge» dos homens do dia. Creio que, no genero, a nossa ultima creação foi o «Seu mé». E é pena que assim succeda. A «charge» popular, no Rio, é sempre uma surpreza e um prazer pela graça, pela ironia e pela malicia... Emfim, ou eu muito me engano, ou isso que agora acontece é um grave symptoma de civilização...

O Carnaval... E' para não durar mais tempo! E' tão util na nossa vida essa annual synalepha de esquecimento e alegria... O Carnaval apaga a tristeza de todas as physionomias: um *loup* é bastante para riscar a data de uma vida... No Carnaval a gente não tem edade. Sob a protecção diabolica de Mo-

mo, a alegria entra, sem pedir licença, em todos os corações — e a felicidade é uma illusão unanime que dura tres dias!

. . .

Entre os grupos mais espirituosos e mais divertidos que povoaram a Avenida durante o côrso, deve ser citado em primeiro logar o bloco chefiado pelos drs. Pernambuco Filho e Brito Cunha. Os dois eminentes foliões, que durante o Carnaval se despem litteralmente da sua importancia e da sua gravidade (elles praticam uma especie de «nudismo...» espiritual), collocaram-se alli em frente ao Palace-Hotel e inauguraram uma serie de trotes interessantissimos. O seu plano estrategico consistia nisto: quando se approximava um automovel conduzindo uma grave matrona fantasiada de Mme. Pompadour, elles avançavam gravemente para o carro, de lança-perfume em punho, a gritar com alvoroço:

— Olha a Bahiana! olha a Bahia!

Mme. Pampadour, deante da incomprehensão, é claro, fechava o sobrecenho, e exclamava indignada:

— Ignorantes!

Se era uma «melindrosa» fantasiada de Rainha de Sabá, elles gritavam:

— Que linda hawaiana!

A «melindrosa» ensinava complacente:

— Não sou hawaiana, não. Sou Rainha de Sabá!

E assim por diante.

O expediente posto em pratica pelos dois illustres clinicos fez um largo successo de riso, e divertiu immensamente aquelle animado sector da Avenida.

N'aquelle «feerie» que foi o lindo baile de Copacabana, mme. compareceu com uma vasta ostentação de joias e carnes. Mas, pesadona e adiposa, era apenas uma revivescencia afflictiva das enxundias plebéas de mme. Angot....

Entretanto, na moldura de luxo da sua «toilette» cara, estava convencida de que era a rainha da festa...

. . .

Na cinza quaresmal da penitencia e do arrependimento, o Carnaval não morreu de todo: é uma saudade que consola e é uma esperança que anima. E essa esperança e essa saudade mantêm o equilibrio do rythmo da vida nacional...

PEREGRINO

TROVAS

Não é possivel que deixe
De ir direito para o Limbo
Inglez que durante a vida
Nunca fumasse cachimbo.

GREMIO R. PORTUGUEZ

A Matinée infantil de domingo.

PELOS ANIMAES

Não tenho lido nos jornaes noticias positivas de que a Prefeitura esteja realmente disposta a auxiliar o Jardim Zoologico carioca, para lhe evitar o fechamento, que seria muito desairoso para a capital brasileira.

A Prefeitura, na quebradeira em que habitualmente se encontra, não sei se poderá dispensar ao pobre jardim a protecção assidua de que elle realmente necessita.

Occorreu-me por isso uma idéa, que aqui venho expôr, como bom municipe, amigo das cousas da cidade.

O plano é o seguinte:

No primeiro momento, para evitar a catastrophe do fechamento, a Prefeitura, devidamente autorizada pelo conselho municipal, cujos membros, pertencentes ao reino animal, não podem coherentemente ser contra os animaes, daria uma subvenção razoavel. Para evitar, porem, ou alliviar aos poucos esse novo encargo, o prefeito poderia ir nomeando os bichos para empregos municipaes, á medida que se abrissem vagas. Poderia mesmo nomeal-os para cargos inferiores e depois promovel-os. O leão poderia muito bem chegar a director geral; o tigre a chefe de secção; os macacos seriam excellentes amanuenses.

Desse modo, em vez de pagar vencimentos a funccionarios humanos, a Prefeitura teria toda uma repartição zoologica.

No fim de algum tempo, alem da vantagem de deixar de pagar a subvenção ao Jardim, os cofres municipaes lucravam com a posse de uma repartição que não gastaria dinheiro com material de expediente, visto que a Directoria de Instrucção não conseguiria desanalphabetizar os animaes, felizmente para elles.

MICROMEGAS

As criticas de "La Prensa" argentina.

O BRASIL — E' sempre assim: Macaco nunca olha para o seu rabo...

O CARNAVAL NOS CLUBS — Baile á fantasia no Club Gymnastico Portuguez.

Como cuidam de sua cutis as "estrellas" do cinema

Toda artista de cinema é vivaz. Ella sabe que em seu rosto está a sua fortuna. E isto é assim para todas as mulheres, actrizes ou não, pois, em egualdade de condições, tem mais probabilidades de obter ou conservar um emprego aquella que offerece um aspecto mais attrahente. Não ha chefe que não comprehenda que os seus escriptorios resultam de melhor apparencia se a secretária é uma joven attrahente e sympathica. E para que uma mulher resulte assim, não ha mister de outra cousa para ella que inspirar-se no exemplo que lhe brindam as grandes actrizes da tela applicandò em sua cutis, todas as noites, antes de deitar-se, Cera Mercolized, substancia que é encontrada em quàlquer pharmacia e que faz com que a tez envelhecida vá sendo gradualmente substituída pela cutis nova e encantadora que toda mulher possue logo abaixo da velha e gasta cuticula exterior. Seguindo este processo, toda a mulher rejuvenesce em poucos dias.

AS DOENÇAS CHRONICAS DA DIGESTÃO

As ligeiras doenças passageiras da digestão podem se agravar e tornar-se chronicas se são desprezadas. Póde V. S. evitar muitos dissabores digestivos sempre que sinta azedume, azia, pesadume, ou outro qualquer mal-estar do estomago depois das refeições tomando meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco de agua. O emprego d'este anti-acido se torna cada dia maior pois que quasi instantaneamente faz parar todo incommodo digestivo occasionado por um excesso de acidez. A Magnesia Bisurada neutralisa a acidez, impedindo assim a fermentação dos alimentos não digeridos, e protege as paredes delicadas do estomago contra toda e qualquer irritação. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

NUMA FEIRA DE CÃES

— Quanto custa este cão?
— Cincoenta mil reis.
— E este menor?
— Cem mil reis.
— E este ainda menor?
— Cento e cincoenta mil reis.
— E aquelle pequenino?
— Duzentos mil reis.
— Então, quanto me cobrará o senhor si eu não levar cão nenhum?

* * * A perola «Cruz de Sol» é uma precissiosissima joia constituida por nove perolas que cresceram juntas, formando uma cruz quasi perfeita e foi exhibida ha pouco em uma feira ingleza.

Está avaliada em 1.500 contos. O corpo da cruz é composto por sete perolas, tendo duas pollegadas de comprimento. Os dois braços são formados por uma perola de cada lado.

As perolas são de um finissimo oriente e seriam de uma forma impecavel si não fosse o facto de estarem um pouco achatadas pela compressão soffrida durante o seu crescimento.

Um indigena da Australia Oriental, pescando uma noite á luz da lua e debaixo da constellação do «Cruzeiro do Sul», tirou uma concha do mar; quado esta foi aberta, encontrou-se a preciosa joia.

SOBRE A MULHER

Em toda mulher ha: a que é, a que finge que é, e a que crê que é.

X.

PHILOSOPHIA

Um sabio foi visitar um amigo, afim de tratar de um assumpto importante.

A' porta, appareceu-lhe um criado, dizendo-lhe que seu amigo acabára de morrer.

— Não importa — replicou o sabio, distrahindo — quero dizer-lhe apenas duas palavras.

* * * O «gulf-stream», a corrente de agua tepida que, partindo do canal da Florida, nos Estados Unidos, atravessa o Atlantico do sudoeste ao nordeste, attingindo a costa occidental da Europa, transporta, por hora, 100 billiões de toneladas de agua.

* * * Um famoso constructor de violinos, Benjamin Carlton, residente nos Estados Unidos, é tambem um apaixonado naturalista e possue uma interessante collecção zoologica.

Teve a original idéa de utilizar-se, para fabricar a caixa de um violino, de uma das pinças de um crustaceo de grande tamanho. O resultado foi excellente, tendo o violino obtido exito lisongeiro, em varios concertos.

* * * Em um hospital da India esteve internado um rapaz que tinha um estomago fóra do commum, o que muito interessou aos medicos. Tinha o dobro do volume dos estomagos normaes.

* * * «Cara» + «ana» + «hyba» = «Caranahyba», isto é, «arvore de casca dura» ou «palmeira», o que dá uma definição perfeita de todas as «palmáceas».

De maneira que temos «cara» + «anda» + «hy» = «Carandahy», significando tambem «palmeira» ou «arvore de casca dura».

E finalmente, «Cara» + «ana» + «uba» = «Carnauba» a palmeira por excellencia, que dá cera, com que se fabricam velas para allumiar, palmeira mui commum em todo o sertão do Brasil, continuindo-se hoje uma das riquezas dos Estados do Norte, principalmente do Ceará, «a terra da carnauba», onde canta a jandaia de Iracema.

* * * A primeira menção ao papel de trapo apparece num escripto do abbade de Cluny, na primeira metade do seculo XII, pois se refere á livros escriptos sobre um material feito com «pedaços de tela velha». Sem duvida se refere a telas de lã.

Na Italia, a primeira localidade que se converteu em grande centro da industria do papel foi Fabiano, que no seculo XIV produzia um papel, cuja excellente qualidade póde ser comprovada com os manuscriptos daquella epoca ainda existentes, e que não deixa de suscitar admiração.

* * * O jogo do polo originou-se na China, ha mais de 1.200 annos e era jogado montado em burros.

* * * O Brasil occupa, o 3º logar no mundo em importancia quanto á criação de suinos. E em vista das vantagens naturaes que possue póde facilmente rivalizar-se nessa criação com os Estados Unidos da America do Norte onde actualmente existe cerca de 70 milhões de suinos.

* * * As jóias de ouro e prata, limpam-se perfeitamente com agua quente, á qual se junte um pouco de ammoniaco. Depois esfrega-se com uma escova macia e da-se o lustro com uma camurça nova.

*** Ha, em Chicago (E. Unidos), assim como em outras cidades norte-americanas, casas de diversões especiaes para negros. Assim, na esquina da Indian Avenue com a 36ª rua, ha um cinema theatro, o «Stradford» que custou 6.000 contos, na nossa moeda. Tem capacidade para 1.200 espectadores e foi construido por negros, com seus proprios meios e só para uso dos negros.

Nem mesmo como operario, nas obras, tomou parte nem um branco!

*** A fabricação de uma agulha consta de 80 operações differentes.

*** Na antiga Persia, os principes da familia real tinham quatro mestres. Um era o mais sabio do reino, outro o mais valente, o terceiro o mais justo e o ultimo o mais sobrio.

*** A photographia que até hoje custou maior preço foi, certamente, uma do cardeal Mercier, vendida nos Estados Unidos. Organizou-se, em New York, durante a guerra mundial, uma grande tombola em beneficio das victimas da mesma e o Arcebispo da Belgica mandou seu retrato, com assignatura, o qual foi adquirido em leilão publico pelo millionario William English, por 1.600.000 dollars!

O HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

Andava Francisco Manoel muito preoccupado procurando uma inspiração para o Hymno Nacional de que fôra incumbido, quando, andando na rua, foi obrigado a parar detido pela passagem de grandes carroças carregadas que passavam produzindo grande barulho...

Immediatemente acudiram-lhe os primeiros compassos do Hymno.

Quando Mestre da Capella Imperial, contava elle que a inspiração lhe veiu do «rapido rodar das rodas» com o metalico «tinido das ferragens dos vehiculos». Dessas palavras onomatopéicas do barulho que ouvia, por um processo mental de representação metaphorica ou de evocação inconsciente, originou-se o Hymno Nacional Brasileiro.

PENSAMENTO

Os homens sinceros e virtuosos, que sempre são os mesmos e se submettem ás provas da virtudes, jamais saberão agradar tão facilmente aos principes como os que lisonjeiam as suas paixões dominadoras. — Fenelon.

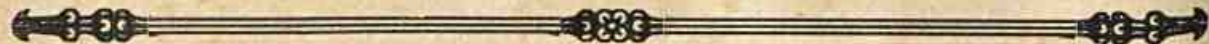
Na mais remota antiguidade empregavam-se para escrever ou gravar nas taboas, papyros e encerados, pontões de marfim, osso ou madeira, chamados «stylus».

Posteriormente, no tempo do imperio romano, os «stylus» foram substituidos pelo «calamo» e pela «penna»: o primeiro, pequeno ralo de uma planta fistulosa que se afiava para escrever, e a segunda uma pena de ave, geralmente de pato, que se aguçava na sua extremidade, dividindo-a em duas partes eguaes, até certa altura. E bellas obras se escreveram antes que a penna metalica de hoje viesse substituir os primitivos «stylus», calamos e pennas de ave!

SOBRE OS LIVROS

Juntar uma bibliotheca a uma casa é dotal a de uma alma.

CICERO

*** Attribue se ao imperador Augusto a invenção dos saltos no calçado, que sempre usou para dissimular sua pequena estatura.

PASTA
ORIENTAL
O DENTIFRICIO
IDEAL
A VENDA EM TODAS AS CASAS
E NAS PERFUMARIAS LOPES
RIO — S. PAULO

Sal Hepatica
Sal Hepatica